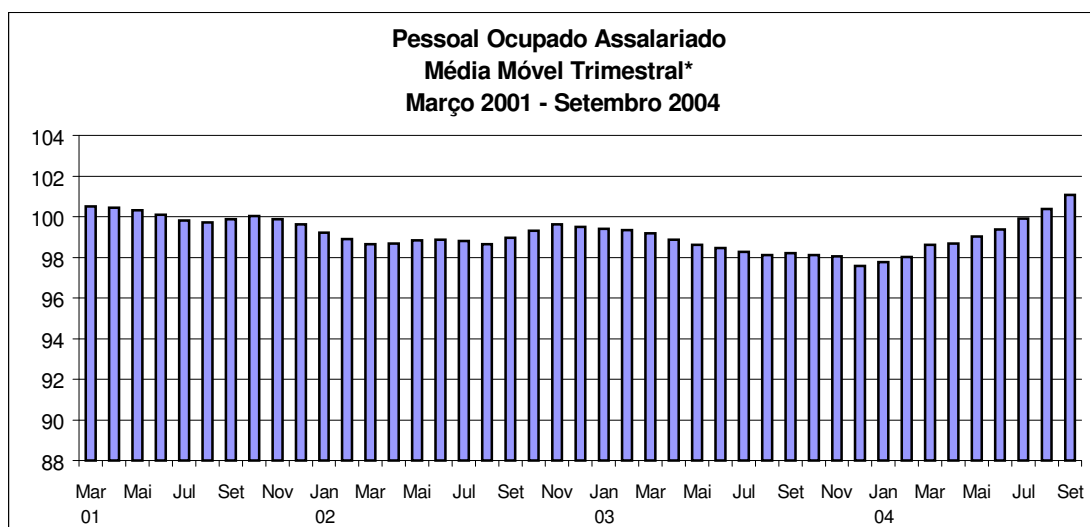


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em setembro, os resultados dos indicadores de emprego na indústria foram amplamente positivos: na comparação com agosto, na série livre de influências sazonais, houve aumento de 1,0%; no confronto com setembro de 2003 o crescimento foi de 3,5%; o terceiro trimestre ficou 2,9% acima do igual período de 2003; e o acumulado no ano ficou em 1,1%. O indicador acumulado nos últimos doze meses apresentou, neste mês, a primeira taxa positiva (0,3%) da série histórica, iniciada em dezembro de 2002.

A comparação mês/mês anterior com ajuste sazonal mantém uma seqüência de cinco meses consecutivos de taxas positivas, com o emprego acumulando acréscimo de 3,5% entre abril e setembro de 2004. Este movimento de expansão também é confirmado pelo índice de média móvel trimestral, que registra um aumento de 3,6% entre os trimestres encerrados em dezembro de 2003 e setembro de 2004.



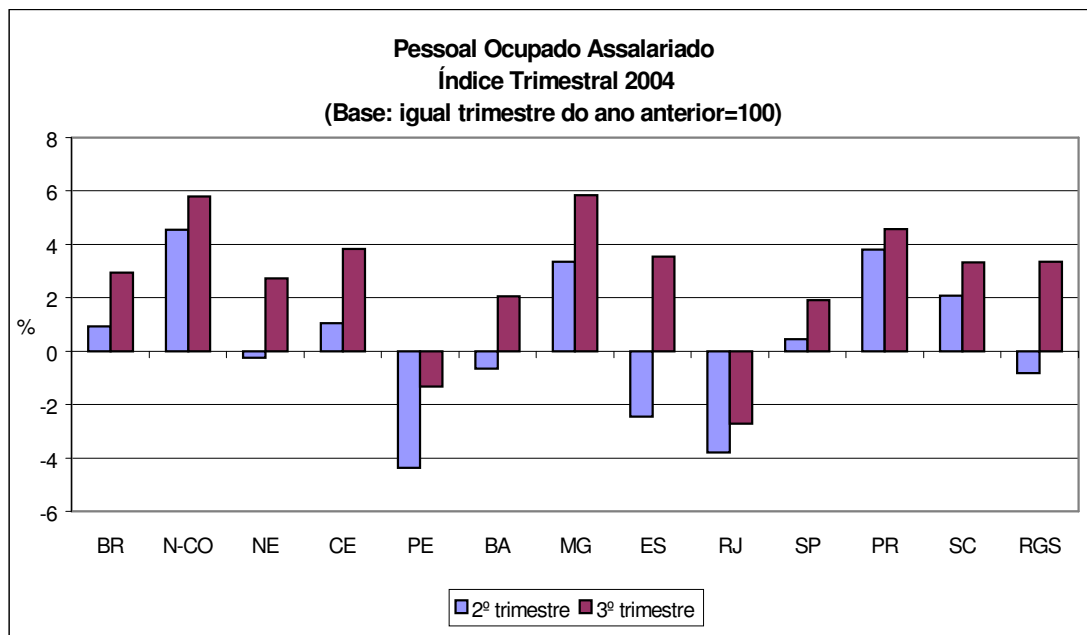
Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

No índice mensal, o crescimento de 3,5% foi generalizado, com treze locais e quatorze segmentos apresentando taxas positivas. Com os maiores pesos na formação da taxa global destacaram-se São Paulo (2,2%) e Minas Gerais (7,4%). O primeiro estado foi beneficiado, sobretudo, pelos setores de máquinas e equipamentos (24,3%) e de alimentos e bebidas (7,8%), entre os treze que ampliaram o número de trabalhadores; e o segundo, devido às contratações em dezesseis ramos, principalmente em máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (30,1%) e em alimentos e bebidas (4,7%). Por outro lado, a única exceção negativa foi o Rio de Janeiro (-2,0%), por conta dos decréscimos assinalados com destaque para alimentos e bebidas (-14,5%) e produtos de metal (-21,9%).

Em nível nacional, a análise por setor mostra que as principais contribuições positivas foram observadas em máquinas e equipamentos (16,5%) e meios de transporte (11,2%), enquanto que os destaques negativos foram vestuário (-6,2%), produtos de metal (-6,1%), papel e gráfica (-4,1%) e minerais não metálicos (-1,2%).

Na análise trimestral, é clara a melhora nos índices do emprego industrial entre o segundo e o terceiro trimestres (de 0,9% para 2,9%), também observada em todos os locais (gráfico). Por atividade, no total do país, quinze segmentos também apresentaram este movimento, com destaque para fumo (de 36,4% para 45,6%), calçados e couros (de 0,4% para 6,0%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (de 4,4% para 9,6%).



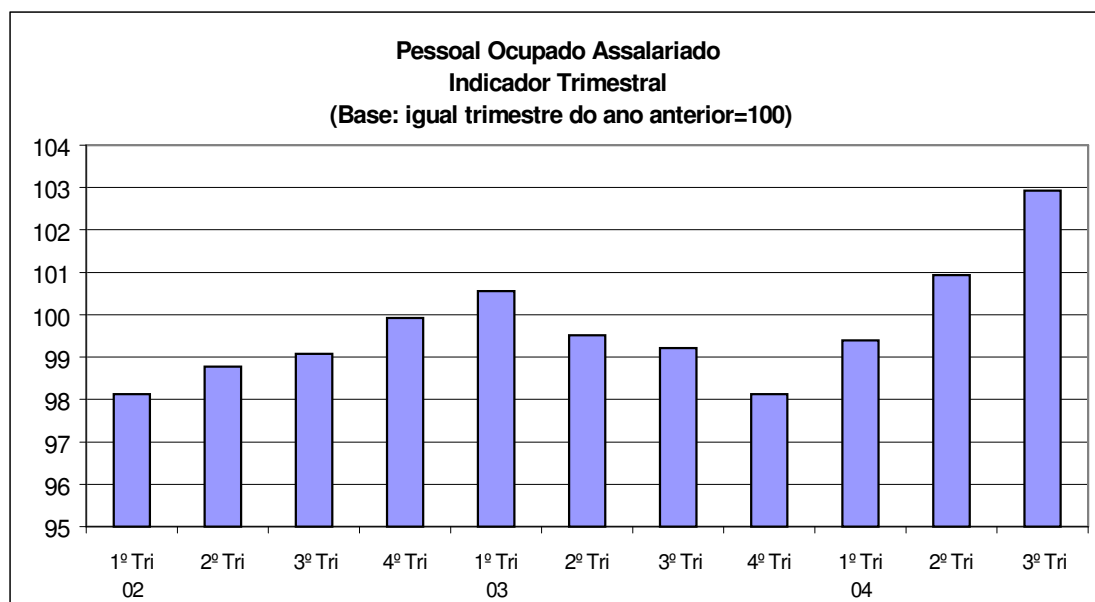
Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

Já no acumulado para o período janeiro-setembro, houve expansão de 1,1%, com nove áreas exibindo aumento no total de pessoas ocupadas. Minas Gerais (4,0%) e região Norte e Centro-Oeste (3,8%) responderam pelas principais pressões positivas, em contraposição aos resultados de Rio de Janeiro (-3,4%), Espírito Santo (-2,0%) e Pernambuco (-1,4%). Setorialmente, doze segmentos apresentaram taxas positivas. Os ramos que participaram com os maiores impactos na média nacional foram: máquinas e equipamentos (13,7%), alimentos e bebidas (2,6%) e meios de transporte (5,8%). Em sentido contrário, verificou-se redução da mão-de-obra em vestuário (-9,5%), produtos de metal (-5,5%) e papel e gráfica (-5,8%), por ordem de influência.

A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, apresentou o primeiro resultado positivo (0,3%) e confirma a trajetória ascendente presente desde maio deste ano.

Em síntese, o crescimento da atividade industrial vem contribuindo para os resultados positivos verificados no mercado de trabalho. Ao longo de 2004, a trajetória do emprego é ascendente nas diversas comparações. Na margem (mês/mês anterior) vem crescendo há cinco

meses consecutivos, ritmo confirmado pela evolução do indicador de média móvel trimestral. Esse movimento também é percebido na análise dos índices trimestrais, que apontam aumento do número de pessoas ocupadas na indústria desde o primeiro trimestre do ano.

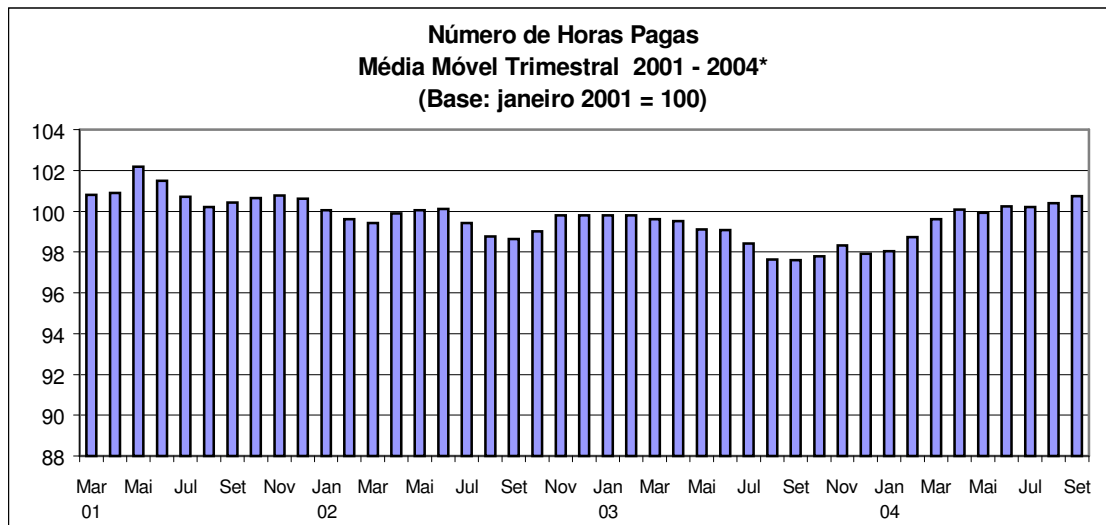


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

NÚMEROS DE HORAS PAGAS

O total de horas pagas aos trabalhadores da indústria, em setembro, apresentou aumento de 1,3% em relação a agosto, descontados os efeitos sazonais. Na comparação com igual mês do ano anterior houve crescimento de 3,4%. Os indicadores para períodos mais abrangentes também registraram aumentos: 1,5% no acumulado no ano e 0,6% no acumulado nos últimos doze meses. A jornada média de trabalho apresenta pequena queda (-0,1%), frente a setembro de 2003, já os outros indicadores, acumulado do ano e nos últimos doze meses, obtiveram, ambos, uma pequena alta de 0,3%.

O indicador de média móvel trimestral, ao registrar aumento de 0,3% no número de horas pagas entre os trimestres encerrados em setembro e agosto, dá continuidade à trajetória ascendente iniciada em julho de 2004.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

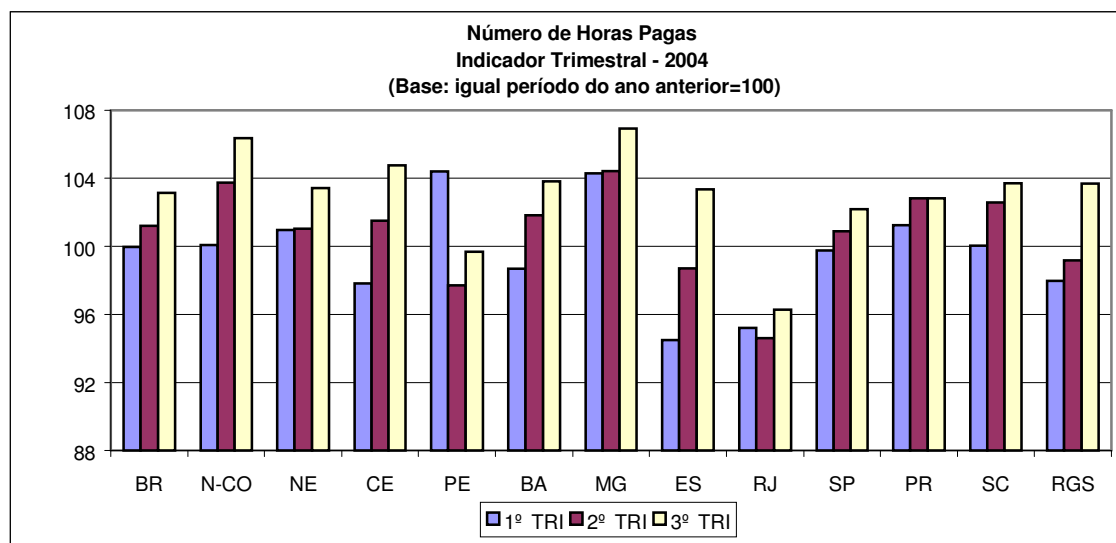
Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas da indústria cresce em menor ritmo (3,4%) que em agosto (3,9%). Para este resultado contribuíram positivamente treze dos quatorze locais e quatorze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, os maiores impactos positivos foram observados nas atividades de máquinas e equipamentos (15,8%), meios de transporte (10,8%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (12,4%). Em contrapartida, as principais contribuições negativas vieram das indústrias de vestuário (-7,3%), produtos de metal (-3,7%) e papel e gráfica (-3,4%).

Ainda segundo o indicador mensal, os locais responsáveis pelos impactos mais significativos no resultado nacional foram Minas Gerais (8,1%), São Paulo (2,1%) e região Norte e Centro-Oeste (6,7%). Na indústria mineira, dezesseis dos dezoito ramos pesquisados aumentaram o número de horas pagas, com destaque para: borracha e plástico (61,7%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (28,2%) e metalurgia básica (13,3%). Na indústria paulista, as atividades onde o aumento do número de horas pagas foi mais expressivo foram máquinas e equipamentos (21,2%), meios de transporte (8,0%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (11,9%); já na indústria da região Norte e Centro-Oeste a principal pressão positiva ficou por conta de alimentos e bebidas

(14,1%). Em contraposição, a única influência negativa no cômputo geral foi o Rio de Janeiro (-2,9%), que teve no segmento de alimentos e bebidas (-18,6%) a principal queda.

Em bases trimestrais, o número de horas pagas prossegue em trajetória expansiva, ao passar de 1,2% no segundo trimestre para um aumento mais significativo no terceiro trimestre (3,1%). Neste movimento, as principais contribuições foram verificadas nos segmentos de fumo, que passou de 30,8% para 54,8%; calçados e couros, de 0,2% para 6,0%; e têxtil, de -2,7% para 3,0%. Em contraposição, coube às atividades de borracha e plástico (de 7,6% para 3,7%); e indústria extrativa (de 5,6% para 4,2%), as principais reduções de ritmo.

Entre o segundo e o terceiro trimestre deste ano, todos os locais pesquisados, exceto o Paraná que permaneceu estável, ampliaram o número de horas pagas. O Espírito Santo, cujo índice passou de -1,3% para 3,3%; e o Rio Grande do Sul, de -0,8% para 3,7% foram os locais de maior destaque.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

O acumulado janeiro-setembro apresentou crescimento de 1,5% no número de horas pagas da indústria, refletindo o desempenho positivo de doze das quatorze regiões e doze dos dezoito setores industriais pesquisados. Os locais responsáveis pelos maiores impactos positivos foram: Minas Gerais (5,2%), São Paulo (1,0%) e região Norte e Centro-Oeste (3,5%). Por outro lado, as duas únicas pressões negativas foram observadas no Rio de Janeiro

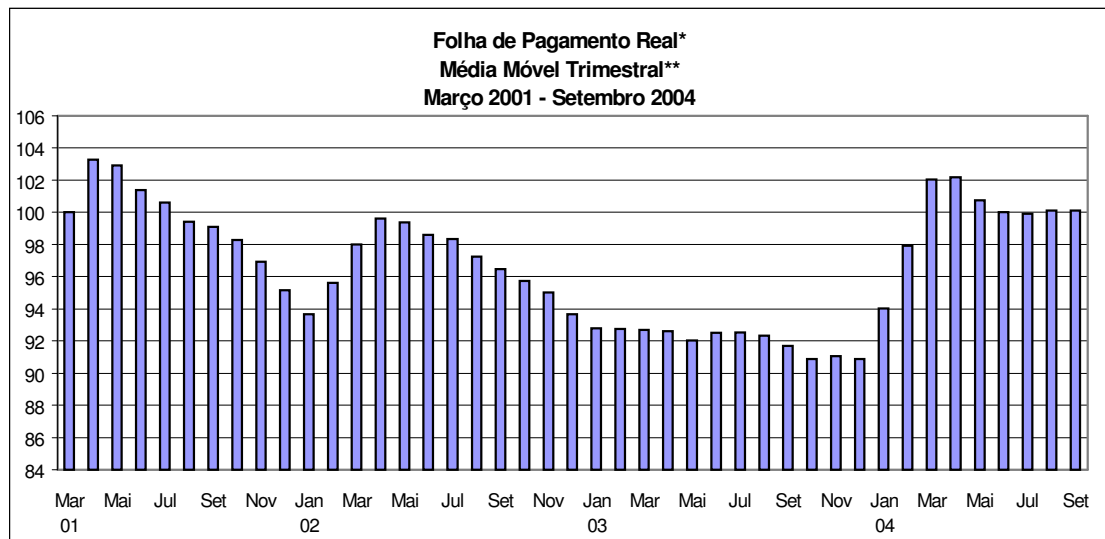
(-4,6%) e no Espírito Santo (-1,2%). Em termos setoriais, os impactos positivos mais relevantes vieram de máquinas e equipamentos (14,9%), meios de transporte (8,1%) e metalurgia básica (10,4%). Em contrapartida, vestuário (-10,0%) e produtos de metal (-4,8%) exerceram as principais contribuições negativas.

Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses apresenta resultado positivo (0,6%) em setembro, confirmando o movimento de recuperação iniciado em fevereiro de 2004. No âmbito setorial, máquinas e equipamentos (11,9%) e vestuário (-10,4%) exerceram, respectivamente, as principais pressões, positiva e negativa. Já os locais que responderam pelos maiores impactos, positivo e negativo, respectivamente, no cômputo geral foram Minas Gerais (3,8%) e Rio de Janeiro (-5,2%).

FOLHA DE PAGAMENTO

Após dois meses consecutivos em queda, a folha de pagamento dos trabalhadores da indústria volta a crescer ligeiramente, na série livre de influências sazonais, aumentando 0,3% entre agosto e setembro. Nos demais indicadores, os resultados se mantêm favoráveis: 10,2% no índice mensal; 9,3% no terceiro trimestre de 2004 em relação a igual período do ano anterior; e 9,2% e 6,4% nos índices acumulado no ano e nos últimos doze meses, respectivamente. Em relação à folha de pagamento média, as taxas prosseguem positivas: 6,5% no mensal, 8,0% no acumulado no ano e 6,2% nos últimos doze meses.

O indicador de média móvel trimestral mostra estabilidade entre agosto e setembro, e é 9,2% superior ao registrado em setembro de 2003. Vale destacar que, neste tipo de indicador, a massa de salários em setembro de 2004 assinala o patamar mais elevado para os meses de setembro, desde o início da série da pesquisa em 2001.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

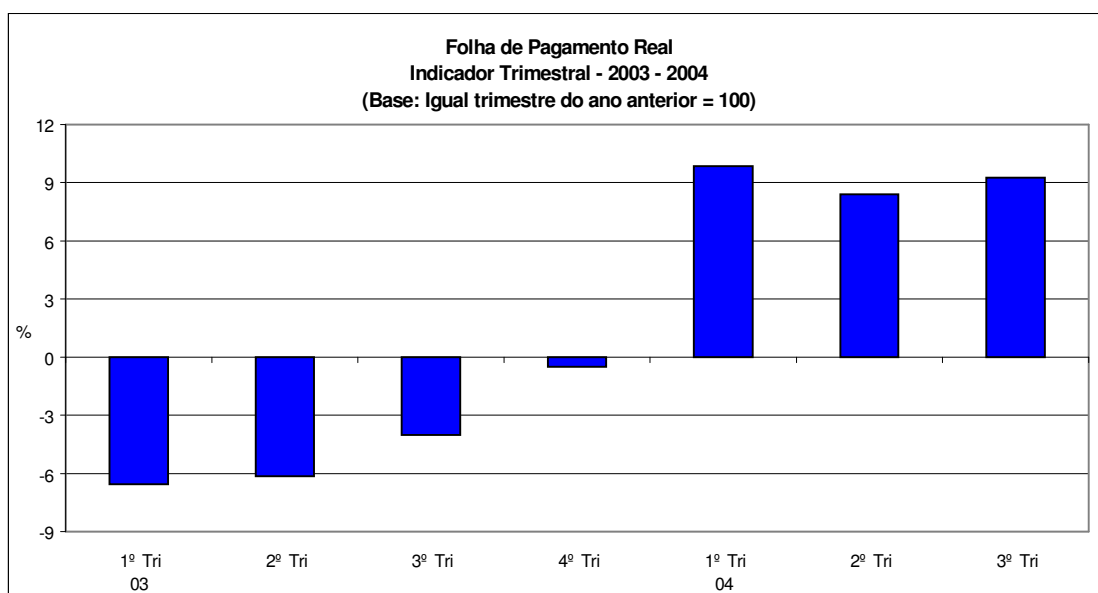
** Série com ajuste sazonal

Na comparação com setembro do ano passado, taxa de expansão de 10,2%, os quatorze locais e dezesseis das dezoito atividades registraram incremento, em termos reais, na folha de pagamento. A indústria de São Paulo (11,7%) responde, mais uma vez, pela contribuição de maior impacto na formação do índice global, pressionada, sobretudo, pelo aumento observado na maior parte (15) das atividades investigadas, com destaque, principalmente, para os acréscimos no setor de máquinas e equipamentos (53,3%), meios de transporte (23,7%) e alimentos e bebidas (18,9%). Em termos de magnitude da taxa, sobressai Minas Gerais (14,5%), em razão, principalmente, do crescimento registrado em produtos de metal (49,4%), metalurgia básica (15,9%) e produtos químicos (37,7%).

Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, taxas positivas na maioria (dezesseis) dos dezoito setores pesquisados, cabendo à máquinas e equipamentos (34,0%), meios de transporte (22,0%) e alimentos e bebidas (8,2%) os principais impactos no cômputo geral. Apenas as indústrias de produtos de metal (-4,9%) e de vestuário (-4,1%) exibem perdas reais na folha de pagamento neste confronto.

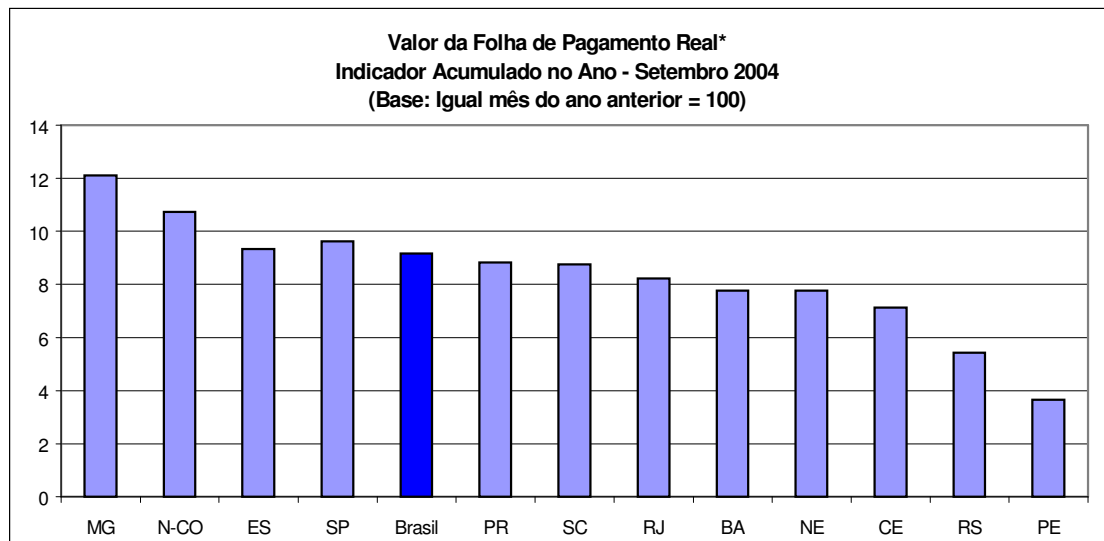
Na análise trimestral observa-se, em termos reais, aumento no ritmo de crescimento do valor da folha de pagamento da indústria brasileira na passagem do segundo (8,4%) para o

terceiro trimestre de 2004 (9,3%), ambas as comparações em relação a igual trimestre de 2003. Este movimento foi acompanhado por sete dos quatorze locais e dez dos dezoito setores pesquisados, sendo que o Rio de Janeiro (de 0,4% para 16,4%), influenciado pelo avanço atípico revelado nas indústrias extrativas (de -17,2% para 82,9%) por conta do pagamento de bônus e participações nos lucros, foi o local em que esse movimento foi mais evidente. Especificamente no que se refere ao terceiro trimestre deste ano, as indústrias que mais expandem o valor da folha de pagamento são as do Rio de Janeiro (16,4%), Minas Gerais (12,6%), Espírito Santo (10,4%), região Norte e Centro-Oeste (9,4%) e São Paulo (9,3%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

No indicador acumulado no ano, o incremento de 9,2% no valor da folha de pagamento foi acompanhado por quinze ramos, entre os quais sobressaíram, com os principais impactos positivos, máquinas e equipamentos (32,2%), meios de transporte (10,4%) e alimentos e bebidas (8,5%). Em contraposição, somente produtos de metal (-5,2%), vestuário (-3,1%) e têxtil (-3,5%) apresentaram perda real na folha de pagamentos. Na análise regional, todos os locais apresentaram variações positivas, com destaque para as indústrias de São Paulo (9,6%), influenciadas, sobretudo, pelos ganhos assinalados em máquinas e equipamentos (51,9%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria
 * Deflacionado pelo IPCA-IBGE

No que tange à folha média real de pagamento da indústria, segundo o indicador acumulado no ano, são observados ganhos em todos os locais e em quinze dos dezoito setores pesquisados. Regionalmente as maiores expansões vieram do Rio de Janeiro (12,1%), Espírito Santo (11,5%) e São Paulo (9,2%). Em nível setorial, principais destaques, em termos de magnitude da taxa, são registrados em máquinas e equipamentos (16,3%), indústrias extrativas (11,6%) e papel e gráfica (10,2%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de agosto para setembro, aceleração no ritmo de crescimento tanto do total da folha de pagamento, que passa de 5,2% para 6,4%, como na folha média (de 5,4% para 6,2%).

Em síntese, os resultados positivos no total da folha de pagamentos, nas várias comparações, sugerem a consolidação da recuperação dos rendimentos em 2004. Vale destacar que a trajetória ascendente da massa de salários é fruto do maior dinamismo observado na produção e da manutenção dos índices de preços em níveis reduzidos ao longo do ano.